

Anti intelectualismo e anti institucionalismo: um diálogo sobre a crise da ideia de mediação

Anti-intellectualism and anti-institutionalism: a dialogue on the crisis of the idea of mediation

Alexandra Dias Ferraz Tedesco

Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
alexandra.tedesco@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7840-5014>
<http://lattes.cnpq.br/8667851536249266>

Sarah Al-Matary

Doutora em Literatura Comparada
Membro do *Institut universitaire de France* e coeditora da revista on-line *La Vie des idées*
Professora catedrática da Université Le Havre Normandie, França
almatary76@hotmail.com

Resumo: O presente texto é fruto de um diálogo sobre a dinâmica histórica do fenômeno do

anti-intelectualismo na contemporaneidade. Assumindo que não é possível compreender o fenômeno apenas por sua negatividade, o argumento posiciona as manifestações de hostilidade em relação aos intelectuais em um debate mais amplo acerca da desconfiança em relação às instâncias de mediação de forma geral. A primeira parte é uma apresentação, de autoria de Alexandra D. F. Tedesco, que circunscreve o argumento no debate brasileiro e introduz a segunda parte, de autoria de Sarah Al Matary, que é a transcrição de uma conferência proferida por ela na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2025. Esperamos contribuir com o necessário debate sobre a dimensão transnacional do fenômeno, bem como sugerir caminhos de pesquisa colaborativa que nos permitam compreender aspectos relevantes do funcionamento do campo intelectual e literário.

Palavras-chave: Anti-intelectualismo; Anti institucionalismo; Campo intelectual.

Abstract: This essay is the result of a dialogue about the historical dynamics of the phenomenon of anti-intellectualism in contemporary times. The argument posits that it is impossible to comprehend the phenomenon solely through its negativity, and it situates manifestations of hostility toward intellectuals within a broader debate about public distrust of mediating institutions. The initial section consists of an introduction by Alexandra D. F. Tedesco, which contextualizes the argument within the Brazilian debate and introduces the second section, which is a transcript of a lecture that Sarah Al Matary delivered at the State University of Rio de Janeiro in 2025. We aspire to contribute to the essential discourse regarding the transnational dimension of the phenomenon and to propose potential avenues for collaborative research that will enable us to comprehend pertinent aspects of the intellectual and literary field.

Keywords: Anti-intellectualism; Anti-institutionalism; Intellectual field.

A conferência *Tipos e Estereótipos do intelectual: quando o ódio desfigura*, publicada neste número da revista *Intellèctus*, vêm a calhar para um debate que transcende campos nacionais e disciplinares: aquele que nos informa sobre os ataques voluntários e involuntários, externos e internos, que os intelectuais e as instituições que os abrigam têm sofrido nas últimas décadas. Sarah Al-Matary, na época professora titular de Literatura na Universidade de Lyon (desde então foi nomeada professora catedrática na Universidade de Le Havre) nos apresentou, em evento organizado pelo Laboratório de Pesquisas e Práticas de Ensino (LPPE-IFCH-UERJ) um recorte de seu livro *La Haine des clercs*, publicado em 2019 pelas Éditions du Seuil. Embora o livro se dedique especialmente ao contexto francês, alguns pontos metodológicos e epistemológicos encontram no Brasil dos últimos anos uma recepção oportuna e um espaço necessário de interlocução. Efetivamente, a tradição de crítica e ridicularização aos intelectuais, suas performances profissionais e as instituições que historicamente os abrigam não é nova, nem especificamente francesa. Como demonstra Al-Matary, há representações imagéticas e narrativas dessa tensão já Antiguidade grega. Na peça *As Nuvens*, de Aristófanes (por volta de 423 a.C.), já encontramos a imagem de Sócrates pendurado em uma cesta, vilipendiado por seus conterrâneos, e a célebre cena do incêndio aos espaços de “desvirtuamento da juventude” que ali se dariam por conta do pensador (Al-Matary posiciona esse exemplo dentro um rico universo de manifestações análogas, como sátiras publicadas em jornais e revistas ao longo dos séculos). A hostilidade e a desconfiança dirigida aos intelectuais (antes mesmo que essa palavra fosse transformada em conceito e campo de batalha pelos acontecimentos do *Affaire Dreyfus*), portanto, perpassa todo o período que, na França, antecede a institucionalização moderna do universo letrado. A essa permeabilidade temporal deve ser adicionada uma heterodoxia de outra natureza: nessa perspectiva de longa duração, nenhum espectro político esteve isento de anti-intelectualismos de distintas naturezas e graus, e nem mesmo os ambientes acadêmicos estão a salvo dessas posturas, eventualmente confundidas com críticas progressistas às desigualdades e distinções que fazem parte do universo da ciência.

Se, no caso francês, locus da representação moderna do intelectual engajado e, indubitavelmente, universo de referência para práticas intelectuais de todo o ocidente, a crítica aos intelectuais acompanha a própria centralidade política dessa categoria, o mesmo não se passa da mesma forma em todos os campos nacionais. O contraste empírico é metodologicamente valioso. No caso do Brasil, por exemplo, embora a circulação da oposição entre “intelectuais cosmopolitas desterritorializados” e o “homem simples” não seja nova e faça parte do repertório popular, pode-se notar que os últimos anos têm acentuado o discurso hostil aos intelectuais, aos acadêmicos, às universidades e às instituições mediadoras de maneira geral. As razões desse fenômeno são muitas e heterogêneas, e certamente não haveria espaço neste texto para identificar e aprofundar cada uma delas. Algumas pistas, contudo, podem ser buscadas nas relações que as universidades mantiveram, em países como o Brasil, tanto com as elites políticas seculares quanto com a sociedade mais ampla que enxerga, ou enxergava, nessa instituição, uma possibilidade de ascensão social. Quando essa relação não se sustenta mais no mundo do trabalho, a insatisfação pragmática dá lugar a um discurso de descredibilização e, em alguns casos, de ódio. Ademais, o processo de autonomização das instituições universitárias em relação à esfera política não foi, no Brasil, destituído de conflitos e, muitas vezes, a incapacidade de conversão dos tipos de capitais (políticos e econômicos em científicos e culturais) gera uma situação que, de forma alegórica, foi descrita por Norbert Elias em seu comentário sobre a relação de Mozart com as instituições vienenses de seu tempo:

Pessoas com a posição de outsiders em relação a certos grupos estabelecidos, mas que se sentem seus iguais ou mesmo superiores, por suas realizações pessoais ou, algumas vezes, até mesmo por sua riqueza, às vezes reagem rancorosamente às humilhações a que estão expostas; podem também estar plenamente conscientes dos defeitos do grupo estabelecido. Mas enquanto o poder do establishment permanecer intacto, tanto ele como seu padrão de comportamento e sentimento podem exercer uma atração muito forte sobre os outsiders. Muitas vezes o maior desejo destes é serem reconhecidos como iguais por aqueles que os tratam, tão abertamente, como inferiores. A curiosa fixação dos desejos dos outsiders pelo reconhecimento e aceitação do establishment faz com que tal objetivo se transforme no foco de todos os seus atos e desejos, sua fonte de significado. Para eles, nenhuma outra estima, nenhum outro sucesso, têm tanto peso quanto a estima do círculo em que são vistos

como outsiders inferiores, quanto o sucesso em seu establishment local. Precisamente este sucesso foi, afinal, negado a Mozart (ELIAS, 1994: 39).

Embora essa posição de antinomia entre elites políticas e campo acadêmico seja histórica e remeta à própria estruturação do sistema universitário, a recente pandemia do COVID-19 atualizou e deu um novo formato, mais público e midiático, ao embate mais antigo entre ciência e política. Conforme Shapin (2020), nesse sentido, é o saber social da confiança na ciência - saber em quem confiar e quais instituições escutar - o que está em jogo em situações de crise. Esse saber social e, digamos assim, desigualmente distribuído não apenas conforme as tendências políticas, mas, sobretudo, conforme os temas eventualmente debatidos estejam mais ou menos ligados a embates morais de uma determinada sociedade, não pode ser aprendido apenas teoricamente: faz parte de uma confiança institucional que se constrói na própria interação entre o campo da política e o campo científico. Nesse sentido, pela natureza histórica da abordagem de Al-Matary e da minha própria, os campos nacionais aparecem como reguladores das expectativas depositadas e gestionadas em torno da universidade e dos intelectuais. Assim, embora cada país tenha sua própria tradição anti-intelectualista e suas imagens de hostilidade, não é incomum que se percebam regularidades na forma dos enfrentamentos, a despeito dos conteúdos variáveis. Sarah Al-Matary aborda isso em *La Haine des clerics* convidando para uma reflexão transnacional sobre o fenômeno:

Entre esfera pública e esfera privada, teoria e ficção, obras individuais e produções coletivas, o discurso anti-intelectualista desenha um espaço híbrido que ignora fronteiras. Tendo convenientemente limitado o tema à França (incluindo as colônias), estamos conscientes de que uma história comparada, e a fortiori uma história transnacional, levaria também a relativizar a singularidade das relações francesas entre o campo intelectual e o campo político e a desconstruir a imagem do clérigo comprometido, do intelectual fiel a uma tradição cartesiana, a um modelo de escola republicana que gostaríamos de conformar à genialidade do lugar (AL-MATARY, 2019: 17).

O horizonte transnacional do problema, por assim dizer, convida a uma abordagem também transnacional. A percepção de algumas regularidades não obscurece, nesse sentido, a densidade propriamente nacional das fórmulas através das quais esses discursos são

apresentados. Em meu próprio trabalho, parti de um diagnóstico bastante específico para acessar a problemática mais ampla que remete ao anti-intelectualismo enquanto anti-institucionalismo sistêmico, ligado inclusive às dinâmicas do mundo do trabalho. Cito:

Em sala de aula, certa vez, fiz um experimento de pensamento para falar sobre a imagem deletéria que eventualmente circula em relação aos intelectuais. Pedi que os alunos imaginassem um dia na vida de um intelectual. Acordaria por volta das 5h ou por volta das 8h30? Será que, ao acordar, se sente disposto para o trabalho ou um pouco afetado pelo jantar da noite anterior, feito em companhia de outros intelectuais, em um restaurante intelectualizado, regado a boas conversas intelectuais? Às 9h30 senta-se à mesa de trabalho, e o que faz então? Quais são os procedimentos do cotidiano desse personagem, tipo ideal recorrente? De que é feita, afinal, sua persona? (PAUL, 2011). Será que terá um almoço encurtado pelo trabalho ou poderá dar-se a ocasião de uma taça de vinho antes da refeição? Essa é obviamente uma representação caricatural, mas é precisamente da caricatura que vem sua força invocatória. Quem coloca a caricatura em circulação? Será que, a essa altura, podemos dizer que os acadêmicos não participam de forma alguma de sua reatualização? Às 20h já o encontramos novamente escorado num balcão de um café, bebericando alguma cortesia enquanto explica a crise, o cosmos, a última emenda do governo federal. Em contraste, o cotidiano do professor e do cientista, assépticos (e acéticos?) de maneiras distintas, revelaram uma expectativa curiosa por parte de um grupo de jovens que estão fazendo um curso de licenciatura em 2023, na cidade do Rio de Janeiro: estes percebem que sua auto-imagem se distancia imensamente do intelectual “clássico”, e não lamentam tal afastamento. Poderíamos nos perguntar, dentre muitas outras coisas: como pode que a imagem caricatural que cerca o termo intelectual tenha força suficiente para sair do ambiente público da desconfiança em relação às ‘coisas do conhecimento’ e se tornar moeda corrente no imaginário da identidade profissional dos próprios estudantes. Entender como circula essa disposição refratária à certas imagens do intelectual – fidedignas ou não, insisto, mas simbolicamente poderosas – e por quais caminhos se torna um verdadeiro atestado de boas práticas: esse é o horizonte que organiza este livro. Acompanhando o argumento de Huppauf e Weingart (2007), trata-se de prestar atenção a um movimento de retorno: não apenas pensar em como as imagens que fazemos de nós mesmos enquanto acadêmicos circulam para fora da universidade e nela repercutem, mas sobretudo em como as imagens que a sociedade faz de nós afetam não somente nossa percepção

de identidade profissional, mas nossas práticas disciplinares em si mesmas (até mesmo porque organizam as expectativas dos postulantes e suas imagens do “que significa ser um cientista”).

Essas “imagens profissionais” são, também, autoimagens. Muitas vezes a força do discurso anti-intelectualista permeia até mesmo o modo como vemos nosso próprio trabalho e orientamos nossas posições políticas e institucionais. Al-Matary chama a atenção para o fato de que muitos dos anti-intelectuais que aparecem em sua investigação - como Bernanos e Drieu La Rochelle, são eles próprios intelectuais. Apesar disso, não ocupam posição central, o que nos leva mais uma vez a Mozart: para além do conteúdo dos discursos críticos aos intelectuais, é importante observar a posição que seus enunciadores ocupam (BOURDIEU, 1998). Eventualmente, indivíduos com muita proeminência na política sintetizam essa disputa de posições. Al-Matary enfoca o caso de Michel Onfray, filósofo mais midiático da França contemporânea, que ostenta discursos virulentos contra a universidade e contra os intelectuais a partir da denúncia da “casta” e da camarilha. Essa retórica populista amparada num “anti-elitismo” de ocasião é familiar àqueles que tomaram conhecimento, por exemplo, das críticas nada amistosas que Olavo de Carvalho, guru da extrema direita brasileira nos últimos anos, formulava e dirigia em relação à academia. Voltando mais uma vez a Mozart:

A curiosa fixação dos desejos dos outsiders pelo reconhecimento e aceitação do establishment faz com que tal objetivo se transforme no foco de todos os seus atos e desejos, sua fonte de significado. Para eles, nenhuma outra estima, nenhum outro sucesso, têm tanto peso quanto a estima do círculo em que são vistos como outsiders inferiores, quanto o sucesso em seu establishment local (ELIAS, 1994: 39).

A crítica, paradoxalmente, endossa a centralidade da universidade e dos intelectuais em nossa sociedade: se receber sua chancela é tão importante e criticar seu “modo de vida” é tão simbolicamente rentável, podemos assumir que a universidade não é, como eventualmente querem fazer crer seus detratores mais inflamados, uma instituição moribunda.

Finalmente, há um último aspecto acerca do debate proposto por Al-Matary que merece destaque nessa apresentação: a convergência possível entre uma abordagem historiograficamente orientada (com vasta pesquisa documental), um repertório que vem, em sua maior parte, da Literatura e, não menos importante, uma abertura ao debate sobre as

posições (oriundo da sociologia dos intelectuais), é um dos ganhos analíticos do livro. Essa abertura disciplinar - que parte do princípio de que as disciplinas e suas pedagogias performáticas existem e causam efeitos nas disposições acadêmicas - é onde posiciono também minhas pesquisas recentes, ainda que isso possa causar dificuldades de alocação do trabalho em uma ou duas categorias teóricas específicas. É, assim, na expectativa de adensar um debate que é, por natureza, difícil (na medida em que envolve nossa própria sobrevida institucional enquanto acadêmicos) que trazemos à luz a conferência da professora Al-Matary. Entender o fenômeno do anti-intelectualismo historicamente é, supomos, um modo de nos prevenir de certa atitude inocente descrita por Bourdieu como a confiança na realidade de uma existência que, para existir, precisa abstrair da resistência da realidade.

Conferência “Tipos e estereótipos do intelectual. Quando o ódio desfigura”

Sarah Al-Matary, UERJ, 14.04. 2025

Boa noite a todos. É uma grande honra estar aqui na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Gostaria de agradecer àqueles que tornaram esta conferência possível, especialmente à professora Alexandra Dias Ferraz Tedesco, que me foi recomendada calorosamente por meu amigo Rafael Faraco Benthien, professor na Universidade Federal do Paraná.

A professora Tedesco, que conhece muito bem a filosofia e a sociologia francesas, acaba de escrever uma história do *anti-intelectualismo* com foco na segunda metade do século vinte: *A Universidade em seus críticos: uma história intelectual do anti-intelectualismo*. Estou muito feliz que seu livro será publicado em breve, pois Alexandra ampliou e enriqueceu meu próprio trabalho (AL-MATARY, 2019), dando-lhe uma dimensão internacional. Na introdução de seu livro, ela enfatiza que o anti-intelectualismo se baseava em “certas imagens do intelectual” que eram “fidedignas ou não, [...] mas simbolicamente poderosas” (TEDESCO, 2025: 15). Hoje, quero analisar as origens dessas imagens do intelectual, que foram desfiguradas desde muito antes de nossa era. Vou me concentrar principalmente em exemplos franceses, com os quais talvez nem todos estejam familiarizados. Quero mostrar como algumas referências, algumas figuras, sustentaram a retórica anti-intelectualista por vários séculos. Essa retórica violenta não tem

fronteiras, como vocês bem sabem. Sua gramática é internacional. O anti-intelectualismo se adapta às circunstâncias históricas e às situações de enunciação, mas tem suas características permanentes: por exemplo, a oposição entre dizer e fazer.

O discurso anti-intelectualista é estruturado em torno de três demandas, às vezes interconectadas:

- expurgar: o intelectual, considerado doente ou criminoso, é descrito como um parasita que contamina a sociedade;
- encarnar: diz-se que o intelectual está desligado da realidade;
- educar de forma diferente: os anti-intelectualistas, sejam de direita ou de esquerda (porque também há anti-intelectualismo na esquerda!), querem acabar com metodologias rígidas e conteúdos que consideram supérfluos.

Quero deixar claro desde o início que muitos dos anti-intelectualistas sobre os quais falarei são, de fato, intelectuais - ou pessoas que têm acesso à cultura e à escrita. Há pelo menos dois motivos para isso: primeiro, por causa das fontes disponíveis para o historiador: no que diz respeito ao passado, o anti-intelectualismo popular, que é transmitido oralmente, escapa aos pesquisadores que trabalham com fontes impressas. Por outro lado, o anti-intelectualismo é usado por certos literatos que se sentem frustrados por não ocuparem a posição que outros ocupam, ou que sofrem com o fato de que a educação os transformou em intelectuais apesar de si mesmos, distanciando-os de seu meio social original. Desse ponto de vista, o anti-intelectualismo é uma ferramenta de demarcação, uma arma. É por isso que o alvo dos anti-intelectualistas muda: pessoas de letras, membros do parlamento, artistas, professores, funcionários públicos, jornalistas etc. É também por isso que muitos dos ataques são reversíveis: a maioria dos anti-intelectualistas acaba sendo acusados de intelectualismo! Os anti-intelectualistas e os intelectuais disputam o monopólio da cultura, da inteligência e da razão, porque os anti-intelectualistas raramente afirmam ser estúpidos. No máximo alguns afirmam ser filosoficamente anti-rationais, ou valorizam o instinto, o inconsciente, a força.

O anti-intelectualismo é uma guerra. Estritamente falando, é um discurso polêmico (*polemos* significa “guerra” em grego). As fontes que utilizei são diversas, em termos de gênero e material: romances, correspondência, artigos de imprensa, redes sociais (para o período mais contemporâneo). Em cada caso, a violência é mais ou menos controlada. A particularidade desse *corpus* é que o discurso tem a eficácia de um ato, é performativo. A violência ultrajante

incentivada pelos textos e pela iconografia raramente foi convertida em ação. Mas o anti-intelectualismo leva à agressão física diariamente (pense nas crianças cujos rostos são esmagados no pátio da escola porque usam óculos e parecem frágeis). Historicamente, há uma certa continuidade entre as operações violentas lançadas pelas ligas de extrema-direita no final do século dezenove e as demissões, deportações e expurgos que ocorreram na Rússia bolchevique, depois na União Soviética, na Alemanha nazista, na França ocupada na década de 1940 e durante a Revolução Cultural Chinesa na década de 1960. Atualmente, a liberdade de pensar e de exercer profissões intelectuais (jornalismo, ensino etc.) está cada vez mais limitada e controlada. As pessoas que exercem essas profissões são desacreditadas e maltratadas em nível institucional. Como no passado, estão sendo feitas tentativas de tornar a voz dos intelectuais inadmissível ou inaudível. Isso envolve, por um lado, a construção de uma representação depreciativa do discurso do outro (apresentado como absurdo, escandaloso, imoral, antipatriótico) e, por outro lado, o descrédito da pessoa que sustenta esse discurso, por meio de ataques pessoais que a tornam indigna de confiança ou totalmente indigna de se manifestar. Como em um tribunal, o intelectual é acusado publicamente.

Na França, o caráter do intelectual é geralmente considerado como tendo nascido no final do século dezenove, quando o escritor Émile Zola se mobilizou, juntamente com outros, em apoio a Alfred Dreyfus, um soldado acusado injustamente, em nome da “Razão de Estado”, por ser judeu, no episódio que ficou conhecido como *L’Affaire Dreyfus* (o *Caso Dreyfus*). Na realidade, os ataques àqueles que pensam são quase imemoriais. Se levarmos o anacronismo, ou a analogia, até a antiguidade, podemos rastrear as críticas aos intelectuais até a peça *As Nuvens*, de Aristófanes (por volta de 423 a.C.). De fato, essa peça é um ponto de referência para muitos anti-intelectualistas. Nela, o personagem de Sócrates é suspenso no ar em uma cesta e acumula raciocínios absurdos enquanto contempla o céu. O filósofo transmite um conjunto confuso de ensinamentos que amolecem as pessoas, e as afastam dos deuses. No final, é incendiado o local onde Sócrates e seus discípulos meditam longe da luz do dia. Nos séculos dezenove e vinte, essas nuvens imaginárias alimentaram os anti-intelectualistas da esquerda e da direita (em especial o movimento de extrema direita *Action française*). As nuvens se referem ao pensamento abstrato, considerado nebuloso: os oponentes dos intelectuais acreditam que eles estão fazendo *muito barulho por nada*, que eles estão isolados do mundo, em vez de estarem perto do chão, das raízes, das pessoas. O populismo se baseia em tais oposições entre alto e baixo, verticalidade e

horizontalidade. Na França, por exemplo, a metáfora do vento foi usada pelo movimento *poujadista*, que tomou forma na década de 1950 em torno de Pierre Poujade (1920–2003). Em nosso país altamente centralizado, Poujade se opôs às elites parisienses das províncias e criticou o Estado e sua administração em nome dos agricultores, artesãos, lojistas e pequenos empresários. Pierre Poujade expressou um anti-intelectualismo tradicional, baseado no senso comum e na identificação de intelectuais com funcionários públicos, deputados e elites tecnocráticas. Esse líder carismático influenciou vários militantes nacionalistas, inclusive Jean-Marie Le Pen, que, na década de 1980, fez do *Front National* o primeiro partido de extrema direita a participar do sistema democrático.

Os anti-intelectualistas franceses geralmente se referem a um escritor considerado o primeiro romancista francês, François Rabelais. Rabelais, que viveu no século dezesseis, professava o humanismo renascentista. Mas em suas obras satíricas e humorísticas, criticou a superstição religiosa e o espírito escolástico representado pela faculdade de teologia de Paris, então localizada na Sorbonne. Foi ele quem cunhou os rótulos depreciativos de *Sorbonnards*, *Sorbonagres* e *Sorbonicoles*. Esses rótulos seriam usados até o século vinte em um contexto completamente diferente, não mais o da luta contra uma Igreja que se apoiava em rígidos costumes, mas de hostilidade aos novos clérigos que eram os intelectuais, particularmente os intelectuais progressistas. Por exemplo, hoje, o filósofo Michel Onfray, nascido em 1959, despreza os *sorbonagres*, mas sua trajetória é atípica. Ou talvez, ao contrário, muito típica de um tipo de deriva contemporânea. Michel Onfray veio de uma origem modesta e foi treinado como filósofo. Inicialmente de extrema esquerda, ele tinha simpatias libertárias. Pediu demissão de seu cargo de professor do ensino médio para fundar uma “Universidade popular” gratuita, no espírito das *universités populaires* abertas aos trabalhadores no final do século dezenove na França, na época do *Caso Dreyfus*. Sua visão para essa universidade popular é de que ela seria um lugar onde a cultura poderia ser democratizada. Em especial, ele desenvolveu uma contra-história da filosofia que privilegiava autores e movimentos fora do discurso canônico: materialismo, hedonismo, barroco etc. Suas palestras eram transmitidas pela televisão e pelo rádio, inclusive pela principal estação cultural da França, a *France Culture*, o que deu a Michel Onfray um alto perfil na mídia. Ele lutou contra as ideias de Jean-Marie Le Pen (1928–2025), na época a principal figura da extrema-direita da França - desde então substituída por sua filha Marine Le Pen. Mas, nos últimos anos, Michel Onfray se desviou para o populismo de extrema

direita, se convertendo em um dos chamados *fascistas vermelhos*. Será que foi por ter permanecido como professor do ensino médio, em uma escola pública fora da capital, com uma tese de doutorado, mas sem acesso a cargos universitários, que Michel Onfray alimentou tanta hostilidade contra acadêmicos e pesquisadores? De qualquer forma, Michel Onfray curiosamente mistura dois vocabulários. Ele mobiliza tanto elementos ligados à defesa dos intelectuais na época do *Caso Dreyfus*, quando Émile Zola apoiou o capitão judeu acusado injustamente, quanto elementos do anti-intelectualismo. Por um lado, Onfray se refere às universidades populares criadas por intelectuais na época do Caso Dreyfus; por outro lado, ele expressa seu desprezo pela “casta” ou “sindicato” dos intelectuais - palavras usadas precisamente contra os intelectuais na época do *Caso Dreyfus*. Onfray acusa professores e pesquisadores pagos pelo Estado de estarem a serviço do poder e de serem incapazes de desenvolver seus próprios pensamentos. Ele também denuncia os protocolos acadêmicos (notas, bibliografia e referências a trabalhos existentes): para ele, são comentários entre iniciados, entre colegas, sem nenhum interesse fora da academia. Para dar uma ideia da violência de seus comentários, citarei uma tradução aproximada de uma de suas declarações sobre pesquisadores do *Centre national de la recherche Scientifique* – CNRS –, o maior órgão público de pesquisa científica da França:

Eles [os pesquisadores do CNRS] passam a vida olhando para um cesto de lixo, com os olhos fixos em seu buraco negro, e depois afirmam que tudo já foi dito. A partir de então, eles podem viajar pelo mundo de conferência em conferência, preencher páginas de periódicos confidenciais durante a longa carreira de um tenente-general, defender uma tese soporífera e diluí-la em um ou dois livros igualmente adormecidos e não lidos por ninguém, eles serão os representantes de vendas de uma vulgata que lhes renderá um salário e uma aposentadoria-com bugigangas institucionais, status “hors classe” [classe superior], Légion d’honneur [Legião de Honra, uma condecoração honorífica], doutorado *honorário*, medalha do CNRS e outros *brinquedos sexuais* para abstinências sexuais (ONFRAY, 2015: s.p.)¹.

¹ Tradução aproximada de: “Ils passent leur vie le regard perdu dans une poubelle, les yeux fixés dans son trou noir, puis ils affirment que tout a été dit. Dès lors, ils peuvent courir la planète de colloque en colloque, noircir des pages de revues confidentielles pendant la durée d’une longue carrière de général de corps d’armée, soutenir une thèse soporifique et la délayer dans un ou deux livres tout aussi dormitifs et lus par personne, ils seront les VRP d’une vulgate qui leur vaudra salaire et retraite – avec brimborions institutionnels, statut hors classe, Légion d’honneur, doctorat *honoris causa*, médaille du CNRS et autres *sex toys* pour abstinents sexuels.” (ONFRAY, 2015: s.p.).

Michel Onfray alega ser discípulo do filósofo Pierre-Joseph Proudhon (1809–1865), geralmente considerado o pai do anarquismo. Proudhon foi um dos primeiros anti-intelectualistas franceses. Na segunda metade do século dezenove, ele denunciou a valorização da alma em detrimento do corpo. Para ele, essa oposição religiosa levou à dominação do povo pelas elites, e à crença na desigualdade da inteligência (a cabeça em oposição à mão). De acordo com Proudhon, uma organização aberrante do trabalho baseava-se nessa oposição: os intelectuais (chefes, engenheiros, capatazes) dominavam e continuam a dominar os trabalhadores manuais (operários, camponeses). Proudhon acreditava que se os camponeses e os trabalhadores entendessem que não eram inferiores aos intelectuais (em número, mas também em inteligência), eles poderiam promover sua própria emancipação.

Proudhon era um revolucionário. Mas ele lamentava que a Revolução Francesa de 1789 tivesse sido incompleta: ela não havia acabado com a injustiça nem com a miséria. Mais política do que social, a revolução estabeleceu o sistema parlamentar, um sistema deliberativo baseado na palavra falada. Esse sistema parece ser altamente intelectual, na medida em que se baseia nos princípios abstratos de liberdade e igualdade e na representação política. Também é altamente intelectual porque o poder é confiado a advogados e jornalistas que atuam como porta-vozes do povo. No entanto, a própria profissão desses mediadores está associada ao pensamento abstrato.

Proudhon era um democrata que tinha assento no parlamento francês. Mas ele criticou o sistema parlamentar e seus membros - talvez porque os conhecesse bem – chamando-os de “retores”. Ele associava esses retores aos intelectuais e escritores de Estado que afirmavam ser políticos, em particular os escritores românticos Alphonse de Lamartine e Jean-Jacques Rousseau. Proudhon os desvalorizou, feminilizou e degradou. Em geral, ele condenou os filósofos como meros *faladores* que não viam a filosofia em termos de suas ligações com o trabalho e a indústria. Pelo contrário, ele admirava o filósofo Denis Diderot, um dos editores no século dezoito da *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Portanto, Proudhon não era totalmente hostil à filosofia do Iluminismo. Ele não era um dos chamados anti-filósofos ou anti-iluministas, que rejeitavam o pensamento moderno baseado na razão e no livre exame crítico (geralmente em nome da religião, embora houvesse movimentos iluministas cristãos).

O ódio aos filósofos começou a tomar forma no século dezoito. A caricatura em texto e imagem desempenhou um papel importante, em uma época em que a opinião pública estava se desenvolvendo graças à imprensa e à circulação de folhetos efêmeros. Mas, mesmo que tenham alimentado o futuro anti-intelectualismo, os ataques aos filósofos ainda não eram anti-intelectualismo no verdadeiro sentido da palavra. A anti-filosofia atacava apenas um punhado de personalidades altamente individualizadas (além disso, os filósofos eram frequentemente criticados por seu individualismo).

Até o início do século dezenove, uma série de enfermidades ou doenças eram atribuídas às pessoas que pensavam e escreviam: dizia-se que elas eram insalubres, pálidas e anquilosadas porque passavam o tempo estudando, sem fazer nenhum exercício físico e sem ver o sol. Elas sofreriam de distúrbios ligados à concentração do fluxo: congestão, retenção de líquidos, constipação, ideias fixas. Os códigos visuais da caricatura mantêm um traço desses preconceitos: os personagens têm uma cabeça grande demais, plantada em um corpo pequeno. Isso foi acentuado no século dezenove, quando os cientistas declararam que a atividade intelectual concentrava o sangue no cérebro. Temia-se que a cabeça privasse os outros órgãos de energia, enfraquecendo o corpo. Da mesma forma, diz-se que o gênio solitário tem uma tendência ao onanismo, ou seja, à masturbação, que era considerada debilitante porque a energia estava supostamente se perdendo com o desperdício de sêmen.

Mas foi a partir da década de 1830, quando o modelo organicista foi aplicado ao corpo político – em particular ao corpo nacional – que a situação piorou. Isso se tornou ainda mais verdadeiro em uma época em que as oportunidades educacionais estavam se expandindo: mais crianças tinham acesso a escolas primárias e o tamanho dos grupos escolares estava aumentando. Os médicos consideravam as salas de aula, as salas de estudo e os dormitórios como locais perigosos: confinamento, superlotação, punições, tédio, leitura perniciosa, excesso de trabalho e até mesmo sentar-se estimulavam o onanismo. Blusas sem bolsos foram inventadas para evitar que os alunos se masturbassem. A improdutividade era temida, tanto no sentido intelectual quanto sexual. O estereótipo do intelectual cansado, muito em voga no final do século dezenove (a era do que é conhecido na França como *decadentismo*), teria uma vida longa. Em meados da década de 1920, ele estava no centro do caso *Grande Chartreuse*: uma controvérsia que surgiu após a Primeira Guerra Mundial sobre a conversão de um antigo monastério chamado “la Grande Chartreuse”, localizado nas montanhas, em uma casa de

repouso e férias para intelectuais (a mesma que, no início da década de 1930, acolheu Marie Curie). Essa transformação provocou a ira dos católicos, que lançaram uma campanha internacional de protesto, usando artigos de imprensa e posters. Alguns desses posters mostram o deputado do Partido radical que teve a ideia de transformar o mosteiro em uma casa de repouso para intelectuais. Seu nome é Léon Perrier. Ele usa óculos, é careca e está agitando uma bandeira maçônica na torre do sino do mosteiro (os intelectuais progressistas tinham a reputação de serem maçons). Pássaros circulam ao redor da torre do sino: esses pássaros são chamados de “cucos”, por causa de seu canto. Os cucos são considerados parasitas porque põem seus ovos em um ninho que não foi construído por eles mesmos: na polêmica que estamos analisando, esses pássaros simbolizam os intelectuais, usurpadores que “roubaram” o lar dos monges. Essa cena, que às vezes é impressa separadamente, é combinada na imagem com outros episódios da história do mosteiro. A primeira imagem diz “1903! A EXPULSÃO. Eles o reconstruíram oito vezes... Viveram lá 900 anos...” refere-se à remoção forçada dos monges. A segunda – “1928! O PROJETO DELES - Estamos esperando os intelectuais cansados”, o deputado responsável por essa mudança forçada, observa a chegada dos intelectuais com binóculos. O terceiro painel é intitulado “19?? O SONHO DELES - Se eles chegassem²”: nos portões do monastério, três velhos magros e de óculos, os intelectuais cansados, são recebidos cordialmente. Na última vinheta, os mesmos personagens visitam o cemitério do mosteiro. A legenda – “19? A REALIDADE. O único lugar para descansar é aqui!!!” – soa como uma ameaça de morte. O cemitério ainda abriga os monges, que, para os católicos, são os únicos habitantes legítimos do mosteiro.

A expressão “intelectuais cansados” reapareceria mais tarde, para criticar o sistema burocrático soviético, ou durante a Guerra de Independência da Argélia, entre os partidários da Argélia Francesa, que atacavam os intelectuais que denunciavam a tortura usada pelos militares franceses. Umas caricaturas datadas do início da década de 1960 mostram um soldado apresentando, como um açougueiro, a carne de árabe, de judeu e de intelectual.

A expansão da oferta educacional não foi acompanhada por um aumento no número de empregos, especialmente nas profissões intelectuais. Muitos aspirantes a médicos, advogados,

² Ilustração de página inteira inserida no artigo de R. Cardinne-Petit (1928: 73). Duas litografias coloridas desse pôster estão em posse da BNF (registro nº FRBNF39841704) e do Musée dauphinois (inventário nº 72. 66. 8), respectivamente. A data (1928 em um caso, 1929 no outro) parece incerta.

jornalistas e professores ficaram de fora. A partir deste momento, o ódio contra os intelectuais “no topo”, e o ódio contra os intelectuais “no fundo” coincidiram. Com as “leis de vilões” (*les “lois scélérates”*) que se seguiram aos ataques anarquistas no final do século dezenove, o medo das classes perigosas encontrou o discurso sobre o excesso de graduados, nascidos da brecha entre o sistema educacional e o mundo do trabalho, e as habilidades acadêmicas e profissionais. Esse discurso, certamente favorecido pelo recuo da República para posições conservadoras, não é novo; ele é “parte da longa história de uma concepção fixista de hierarquias sociais e de uma concepção monopolista da apropriação do conhecimento” (CHARTIER, 1982: 399), que Roger Chartier já havia identificado antes da revolução francesa. Essa concepção se baseia em uma fantasia perene: como a antiga vítima de uma desordem, o intelectual seria levado a perpetuá-la, sobretudo devido à lacuna numérica entre os cargos oferecidos e os candidatos, a discrepância entre o valor simbólico concedido aos títulos universitários e seu baixo valor social, ligado à saturação do mercado. A análise filológica nos ajuda a compreender esses desenvolvimentos em seu contexto. Também tem o mérito de permitir uma história menos essencialista de ideias políticas, que têm em conta a reflexividade dos atores. Meu estudo se baseia na análise dos designadores/catalogadores do intelectual – em particular o conjunto de etiquetas negativas (escribas, retores, peões, pontífices etc.). Gradualmente, a observação de que há um excesso de intelectuais se transformou na ideia de que eles cometem excessos. O foco mudou de uma crítica limitada a um punhado de pensadores para uma crítica à disseminação da alfabetização, que levaria a uma multidão de pseudointelectuais, ou, como costumávamos dizer na época, meio-intelectuais. Falava-se em um “proletariado de bacharéis”, embora essa expressão não soasse como um oxímoro. Essas massas eram criminalizadas, assim como eram criminalizadas as classes sociais mais pobres. Do final do século dezenove em diante, dois medos se uniram: o do povo e o dos literatos proletarizados. As pessoas que se diziam cultas eram criticadas por não serem capazes de assimilar o conhecimento (sua inteligência não permitiria); ou por lerem livros perniciosos, especialmente os revolucionários (vale lembrar que qualquer tipo de leitura poderia parecer pernicioso: romances, por exemplo). Para os conservadores, o intelectual comprometido com a esquerda se tornou um agente de corrupção, um “malfeitor” moral. Os cristãos de todo o mundo estão envolvidos em várias formas de anti-intelectualismo:

– teológico e filosófico para alguns (de acordo com a ideia de que só conhecemos Deus de fato por meio do coração, não da razão);

– moral para outros (especialmente os católicos, que acreditam que as pessoas não devem ter acesso direto aos livros, nem mesmo à Bíblia, e que devem sempre ter um padre como intermediário-os protestantes, por sua vez, defendem a leitura direta e o livre exame);

– pragmático para aqueles que, do lado protestante, promovem o *self-made man*, de acordo com uma lógica que Max Weber descreveu em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (livro publicado em 1904–1905).

Com frequência, o anti-intelectualismo está ligado à crítica da leitura: às vezes, “livros ruins” são denunciados, às vezes “leitores ruins”, às vezes ambos. Não é de se surpreender que os óculos se tornem o principal atributo do intelectual caricaturado, especialmente na iconografia, porque os óculos parecem ser uma das únicas características materiais distintivas do intelectual que é imediatamente reconhecível: de que outra forma podemos representar o intelectual, que, em última análise, é um ser como qualquer outro? Há um elemento interessante aqui. Os óculos supostamente indicam a fragilidade e a fraqueza dos intelectuais. No século dezenove, usar óculos às vezes era suficiente para privar um homem do trabalho manual, quando os recrutadores escolhiam os trabalhadores de acordo com sua aparência. O norueguês Knut Hamsun descreve esse fato em seu romance autobiográfico *Fome* (1890). Por causa de seus óculos, o herói não pode se tornar um bombeiro ou um latoeiro. Ele pensou em vender os óculos, que foram sua ruína. Os anti-intelectualistas ficam constrangidos quando eles próprios usam óculos (Adolf Hitler proibiu a distribuição pública de fotografias suas usando óculos). Eles também ficam constrangidos quando exaltam personalidades que os usam: nesse caso, eles transformam o fato de ter uma visão ruim em um dom profético, como se as pessoas em questão pudessem ver além das aparências. Esse foi o caso do escritor Pierre Drieu la Rochelle (1893–1945), que se tornou uma figura do fascismo na França no final da década de 1930. Seus colegas surrealistas, que estavam muito à esquerda, já desafiavam a razão e os intelectuais clássicos em nome da liberdade, do inconsciente e da imaginação. Antes de se tornar um fascista completo, Drieu tornou-se próximo do operário e sindicalista Jacques Doriot (1898–1945), um ex-comunista que esperava unir a esquerda e a direita, o anticapitalismo e o antimarxismo no Partido Popular Francês, que fundou em 1936. Drieu admirava suas habilidades oratórias. Doriot usava óculos como ele, mas isso não significava que Doriot fosse um intelectual, disse-nos Drieu: ele era grande, falava alto e suave muito (o que supostamente era uma marca de virilidade).

Tal como Drieu, o romancista e panfletário católico Georges Bernanos (1888–1948) lutou na Primeira Guerra Mundial. O jovem Bernanos era um aluno medíocre e indisciplinado. Seus professores o aconselharam a entrar no mundo dos negócios. Foi um agente de seguros, mas essa profissão era insuportável para ele. Foi então que a guerra eclodiu, o que o aproximou fisicamente do povo. Em 1926, tornou-se famoso graças ao romance *Sous le soleil de Satan* (*Sob o Sol de Satã*), que apresenta um religioso rude transformado por Bernanos em um verdadeiro santo. Esse padre sem qualidades (nem “inteligência”, nem “memória”, nem “assiduidade”) tem o dom de ver as almas e possui uma eloquência que não é a dos pregadores, pois não busca convencer nem agradar. Seu discurso é “sem arte”, ao contrário do de outro padre, Sabiroux, um ex-professor de química, e do acadêmico Antoine de Saint-Marin, dois personagens cujos nomes os aproximam de Satanás (o diabo é a criatura mais artificial que existe). Contra a retórica, Bernanos promove palavras verdadeiras e marcantes. Ele tinha dois modelos: a Bíblia e a retórica panfletária de seu mestre, Édouard Drumont, um notório antissemita a quem ele dedicou *La Grande Peur des bien-pensants* (O Grande medo dos que pensam certo) em 1931. Nesse ensaio, o inimigo sempre usa óculos, seja ele um intelectual, um político ou um judeu (três tipos inter-relacionados). Quando se trata de alegorizar a odiada modernidade, Bernanos dá a aparência de um “deus com óculos de tartaruga” ao “futuro imperador ianque”, a personificação do capitalista. O pessimista Édouard Drumont, maestro de Bernanos, pode muito bem usar óculos: para Bernanos, ele vê o que os outros franceses não veem. Ele é uma “Cassandra barbuda”. Na obra de Bernanos, seja qual for o gênero (artigos de imprensa, romances, panfletos, correspondência, diários), encontramos críticas aos professores – no sentido pejorativo daqueles que professam: médicos, psicólogos, clérigos, acadêmicos, jornalistas e escritores profissionais. Uma ampla analogia histórica equipara os “escribas” cúmplices da crucificação de Cristo, os juízes de Joana D’Arc, os “intelectuais liberais pequeno-burgueses de 1830” e, após a Segunda Guerra Mundial, o “intelectual de massa”, especialmente o intelectual comunista.

Bernanos foi um pensador atípico, formado na extrema direita monarquista e antissemita, mas que evoluiu para uma centro-direita humanista: durante a Guerra Civil Espanhola, ele se opôs ferozmente às exações e depois à ditadura de Franco. Mais tarde, ele denunciou a fraqueza da elite francesa diante da Alemanha nazista e preferiu se exilar no Brasil³.

³ Bernanos viveu por cinco anos em Barbacena (Minas Gerais) onde escreveu várias obras importantes em francês e contribuiu para vários jornais brasileiros.

Ele apoiou a Resistência. Após a guerra, permaneceu anticomunista, denunciando, em nome do humanismo, os perigos do capitalismo técnico e industrial (armas atômicas, robotização etc.), apresentados tanto por políticos quanto por intelectuais. Bernanos opôs a consciência à inteligência, os cristãos livres à Igreja e seu empreendimento solitário de escrever ao trabalho de escritores profissionais, com os quais ele nunca se identificaria, mesmo quando vivia apenas do que escrevia.

Bernanos não foi o único a confundir intelectuais e judeus em um mesmo ódio. Na esquerda (com Proudhon, por exemplo) e na direita (com Louis Veuillot, entre outros), a maioria dos antissemitas é anti-intelectualista, e vice-versa. Há várias explicações para isso: em primeiro lugar, o velho antijudaísmo cristão, ligado ao evangelicalismo, que exalta os pobres de espírito. Os judeus são associados à leitura e aos comentários sobre a Bíblia. Ele passa a simbolizar o analista sutil que debate coisas insignificantes. Depois, no pensamento anticapitalista, o intelectual é identificado com o burguês. O judeu é suspeito de fazer malabarismos não apenas com dinheiro, mas também com ideias. Somado a isso, no final do século dezenove, havia a teoria da conspiração segundo a qual os judeus (e, em menor grau, os protestantes) estavam ocupando os círculos culturais: jornalismo, academia e, depois, o cinema. Após o *Caso Dreyfus*, os judeus foram finalmente identificados com as elites democráticas, republicanas e seculares. Nas caricaturas antissemitas, o judeu é facilmente reconhecido por seu nariz curvo, lábios carnudos e cabelo crespo. Mas os óculos também são um código gráfico para identificá-los. Dizia-se que os judeus eram míopes por lerem muito. Na década de 1930, para um antissemita como o romancista e panfletário Louis-Ferdinand Céline (1894–1961), os óculos eram um lembrete de que, em uma sociedade francesa supostamente minada pelo álcool e pelo lazer, somente os judeus liam, dominando assim as massas ignorantes. Já no *Caso Dreyfus*, os intelectuais que apoiavam o capitão judeu acusado injustamente eram equiparados a judeus. Nas caricaturas de Caran d'Ache, o intelectual é magro e usa um *lorgnon* ou binóculo. Ele geralmente tem uma cabeça grande e olhos esbugalhados, exatamente como os judeus eram retratados nas caricaturas. Para tornar a comparação ainda mais óbvia, os cartunistas às vezes desenhavam uma estrela de Davi na testa de seus personagens! Como simplificam, as caricaturas ajudam a disseminar estereótipos para um público amplo. A recorrência de certas figuras anti-intelectualistas na mesma imprensa e/ou sob a pena do mesmo cartunista garante a máxima impregnação.

Por fim, o intelectual e o judeu são desvirtuados e até mesmo feminizados. Esse é um antigo artifício polêmico: você desacredita seu oponente fazendo com que ele se pareça com uma mulher e, dessa forma, destrói sua autoridade. Na esquerda, Proudhon e seus seguidores falavam de *femmelins* (é um neologismo que faz você pensar em “femmelette”, mulherzinha). Em 1914, em *Les Méfaits des intellectuels* [Os danos dos intelectuais], Édouard Berth (1875–1939), um discípulo de Proudhon, apresentou o intelectual como uma prostituta dependente da força masculina. Para ele, a sociedade industrial era semelhante a uma “pornocracia” (a palavra já havia aparecido nos escritos de Proudhon), onde o intelectual obcecado por dinheiro reinava. Esse virilismo pode ser encontrado na vanguarda pré-fascista, por exemplo, na Itália, no *Manifesto* futurista de Marinetti (1909): “Nós queremos glorificar a guerra - única higiene do mundo - o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos libertários, as belas ideias pelas quais se morre e o desprezo pela mulher. 10. Nós queremos destruir os museus, as bibliotecas, as academias de toda natureza, e combater o moralismo, o feminismo e toda vileza oportunista e utilitária” (MARINETTI, 1993: s.p.).

Na França, na extrema direita, a partir da década de 1930, Drieu la Rochelle falava de “sous-verges”⁴ (expressão extremamente vulgar), Louis-Ferdinand Céline de eunucos e de sexo com moscas (uma expressão intraduzível que se refere ao fato de debater minúcias). Em 1955, Poujade e Jean-Marie Le Pen compararam intelectuais a pederastas. Cito Poujade: “Somos governados por um bando de apátridas e pederastas. [...] para nos governar, precisaríamos de um comerciante de verdade, um bom metalúrgico, um bom açougueiro. (*Aplausos.*) Eles não seriam politécnicos, mas seriam saudáveis de corpo e mente. Além disso, se pagarmos por politécnicos, nós os teremos”. Ao mesmo tempo, Le Pen, na época uma ativista poujadista, declarou: “A França é governada por pederastas: Sartre, Camus, Mauriac” (HOFFMANN *et al.*, 1956: 184).

As mulheres que ousavam pensar também eram maltratadas, desde as mulheres eruditas e as “As Preciosas ridículas” da época de Molière. No século dezenove, as coisas ficaram mais complicadas, com a proliferação de escritoras em uma sociedade em que a literatura estava se industrializando: George Sand, por exemplo, era constantemente atacada. O grande cartunista Honoré Daumier caricaturou as chamadas “bas-bleus” (*bluestocking*, em inglês) em uma série de

⁴ Optamos por deixar a expressão no francês original já que não há tradução literal para o português. Possui uma conotação sexual aproximada à “menos que homem”.

desenhos publicados no jornal *Le Charivari* entre 1844 e 1849. Nesses desenhos, as mulheres intelectuais são feias, tolas e imorais (inclusive porque se esquecem de suas famílias: uma mulher escrevendo negligencia seu filho, que está se afogando) (DAUMIER, 1844). Minha colega Christine Planté mostrou como esses desenhos são ambíguos. Em primeiro lugar, é difícil distinguir entre as mulheres que mais tarde seriam chamadas de intelectuais. Em segundo lugar, seus maridos parecem tão ridículos quanto elas nessas representações gráficas de Daumier. Daumier não era um conservador, era um republicano. Mas a sátira era sua profissão. E a sátira é baseada em lugares-comuns, clichês, ideias e imagens preconcebidas. Por fim, podemos nos perguntar se Daumier está denunciando os *bas-bleus* ou se está denunciando a crítica aos *bas-bleus* (PLANTÉ, 1996). A questão do ponto de vista é muitas vezes difícil de decidir na arte. De qualquer forma, a sátira de Daumier abriu caminho para ataques mais violentos às mulheres intelectuais. Elas seriam julgadas pior do que os romancistas ou poetas que se limitavam ao que era considerado o reino feminino da imaginação. As poucas escritoras ridicularizadas pela imprensa satírica na primeira metade do século dezenove eram um objeto de entretenimento, mas aquelas que aspiravam à legitimidade de um diploma representavam um perigo social real: elas poderiam se emancipar e convencer seus colegas a fazer o mesmo!

Concluindo: o anti-intelectualismo é onipresente e generalizado, independentemente de opinião política, crença religiosa, riqueza ou educação, e é incorporado em representações que, em todos os períodos, retratam violentamente o intelectual de uma forma essencialmente fantástica. Textos, imagens e objetos, portanto, criam lugares comuns odiosos que estão tão profundamente enraizados na cultura que são difíceis de combater. Mas a história do discurso anti-intelectualista a longo prazo nos ajuda a entender como esses lugares comuns foram construídos, como circularam e como foram combatidos. Essa história é mais útil do que nunca na luta contra preconceitos hoje amplamente compartilhados.

Referências Bibliográficas

- AL-MATARY, Sarah (2019). *La Haine des clercs. L'anti-intellectualisme en France*. Paris: Seuil.
- CARDINNE-PETIT, R. (1928). La Grande Chartreuse. *Revue mensuelle de la Ligue Dauphinoise d'Action catholique*, agosto.
- CHARTIER, Roger (1982). Espace social et imaginaire social: les intellectuels frustrés au xvii^e siècle. *Annales. Économies, sociétés, civilisations*, 37^e année, n^o 2, pp. 389–400.

- DAUMIER, Honoré (1844). La mère est dans le feu de la composition, l'enfant est dans l'eau de la baignoire! *Les Bas-Bleus*, n° 7, *Le Charivari*, 26 de fevereiro.
- DAUMIER, Honoré (1844). La mère est dans le feu de la composition, l'enfant est dans l'eau de la baignoire! *Les Bas-Bleus*, no 7, *Le Charivari*, 26 de fevereiro.
- ELIAS, Norbert (1994). *Mozart. A sociologia de um gênio*. Ed. Zahar: Rio de Janeiro.
- HOFFMANN, Stanley *et al.* (1956). *Le Mouvement Poujade*. Paris: Armand Colin/Presses de la Fondation nationale des sciences politiques.
- HUPPAUF, Bernd; WEINGART, Peter (eds.) (2007). *Science Images and Popular Images of the Sciences*. Published 20 October. Pub. Location New York.
- MARINETTI, Filippo (1993). Manifesto Futurista. In: CHIPP, H. B. *Teorias da Arte Moderna*. São Paulo: Martins Fontes.
- ONFRAY, Michel (2015). La haine des universitaires. *L'Humanité*, 12 juin. Disponível em: <https://www.humanite.fr/en-debat/michel-onfray/michel-onfray-la-haine-des-universitaires>. Acesso em: 25 nov. 2025.
- PAUL, H. (2011). Performing History: How Historical Scholarship is Shaped by Epistemic Virtues. *History and Theory*, 50 (February), pp.1-19.
- PLANTÉ, Christine (1996). Les *Bas-Bleus* de Daumier: de quoi rit-on dans la caricature? In: RÉGNIER, Philippe *et al.* (ed.). *La Caricature entre République et censure*. Presses universitaires de Lyon. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.pul.7937>. Acesso em: 25 nov. 2025.
- SHAPIN, S. (2020). É verdade que estamos vivendo uma crise da verdade? *Revista Brasileira de História da Ciência*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, pp. 308-319, jul.|dez.
- TEDESCO, Alexandra (2025). *A universidade em seus críticos: uma história intelectual do anti-intelectualismo*. Rio de Janeiro: Ed. Autografia.